

O estadista, o mendigo e o poeta

Marcelo Garbine

Ainda quando eu estou atrasado para o trabalho, com muita pressa, não abro mão do meu ritual matutino diário de tomar café, na padaria. Considero primordial ver gente, mesmo tendo as minhas questões a solucionar e as minhas peculiaridades.

Enquanto levo a xícara à boca, olho para o infinito. Sim, infinito. Materialmente, essa suposta amplidão pode estar bloqueada por uma parede, com cartazes repletos de mulheres esbeltas e cervejas, mas a minha psique espectral transpassa-a. Sou livre. E mesmo envolto em minhas quimeras, a visão periférica encarrega-se de capturar as demais insígnias e seus respectivos desígnios. Não há conclusão a chegar-se se não houver comparações. A selva humana remete a um orbe colossal de possibilidades que abrem leques de opções. É um dos preços do livre arbítrio: o padecimento da hesitação.

Segundo a física quântica, ao elegermos uma antelação, criamos um universo, pois essa escolha afeta a vida de todos os seres, sem excetuar nenhum, e, concomitantemente, mata um número infinito de outros universos, que são as

opções subtraídas da concepção. É a chamada “teoria do caos”, a qual explica que “o bater de asas de uma simples borboleta poderia influenciar o curso natural das coisas e, assim, talvez, provocar um tufão do outro lado do mundo”.

Tantas possibilidades acarretam em um tempo que se arrasta com um maior fardo: “e se eu tivesse feito diferente? Quem seriam os meus filhos que não nasceram? Quem seria eu? Como seria o mundo se eu houvesse me entregado a inclinações distintas?”. E a aflição é imensurável porque pesa a responsabilidade da escolha. Nesse ponto, a liberdade não é tão maravilhosa assim. Sente-se falta de que alguém nos mande executar algo. E para aliviar, papagaiamos frases prontas do tipo: “não foi porque não era para ser”, “Deus quis assim”, “o destino já está escrito”, “é melhor arrependermos do que fizemos do que daquilo que não fizemos”, etc.

Somente os néscios vivem respaldados por sentenças cabais que se contradizem: se “o silêncio vale ouro e a palavra vale prata”, em certas situações ganhamos muito por ficarmos calados, então é insustentável dizer que o arrependimento é mais brando, necessariamente, quando consequência de um ato consumado. A pausa também faz parte da música. “Somos feitos de silêncio e som”.

“Não foi porque não era para ser”? Que covardia é essa? Não foi porque eu fiz outra opção ou porque eu não fiz o que, agora, eu acho que deveria ter feito.

Faz-se mister hombridade para admitir. Só os fracos vêm utilidade em mentir para si mesmo. E os mais fracos ainda optam por prosseguir num rumo, no qual, lá no fundo de suas almas, já não crêem mais, por medo de assumir o prejuízo do tempo escorrido em vão. O desperdício do que lhes resta é o preço que se paga por não querer absorver-se o peso da corpulência de decisões equivocadas.

“O destino já está escrito”? Que vida chata é essa? Somos fitas cassetes de uma velha locadora?

Neste ponto da reflexão, o meu café começa a perder calor em demasia e eu conjecturo que será imprescindível esquadrihar um atestado médico. Agonias mundanas mesclam-se com arquejos espirituais.

Acostumados que estamos a crer que as decisões vêm de um plano maior, sejam elas extra-mundanas ou provenientes de detentores de poderes tão distantes da nossa realidade que, por vezes, temos dificuldade de observá-los como sendo tão humanos como nós, relutamos a aceitar ou mesmo refletir sobre o assunto com a ênfase necessária. O fato é que criamos um universo com pequenas decisões tomadas, sejam elas do interesse de um numeroso grupo ou puramente egoístas.

Esse caminho tão aparentemente individual que acabei de escolher, o de refletir, na padaria, observando cartazes vulgares, que eu insisto em chamar de infinito, afetou a vida imediata de todos os que estavam presentes no hospital, para o qual rumei, e no meu ambiente de trabalho, no qual deveria estar. A vida deles, por seu turno, afetará a de todos os seus contatos e o processo repetir-se-á, infinitamente, dando a volta ao mundo, em frações de um segundo. Velocidade esta que é turbinada pela interligação de um mundo que acontece – tecnologicamente – em tempo real. Universos dentro de outros universos são criados a torto e a direito, num processo que nos assusta. Aí surge a necessidade psicológica de auto-excluir-se dessa responsabilidade de governantes que somos do universo. Sim, do universo. Levando-se em consideração que sinais derivados de aparatos científicos são dissipados em direção ao cosmo – em forma de ondas de rádio, por exemplo – e que os humanos que comandam – direta ou indiretamente – esses aparatos são também afetados por nossas decisões, o citado bater de asas da borboleta ou a escolha entre chá ou café, no balcão da humilde padoca, afetará a diversidade de ondas espargidas pelo espaço sideral, bem como as informações nelas contidas. É tenebroso.

Um poeta escreveu uma poesia que será lida daqui a duzentos anos. Um estadista de um importante país tomará decisões, em 1214, após lê-la e emocionar-se com a poesia escrita em 2014 e influenciar-se-á por ela. Bilhões de pessoas que nem nasceram serão influenciadas pela decisão do estadista. Quem mais influenciou? O estadista ou o poeta? Ou será o mendigo que habitava a esquina da casa do poeta e inspirou-o? Ou será a moça que

despedaçou o coração do homem que perdeu a vontade de lutar pelo que lhe era de direito e foi viver nas ruas como esmolador? Ou será o bisavô da moça que decidiu, aos quarenta e cinco do segundo tempo, que não morreria sem deixar sua semente nesse planeta?

Todos eles criaram e mataram universos vorazmente e com o mesmo poder. Esse é o maior milagre do mundo que parcamente apelidamos de livre arbítrio.

O próximo segundo que o relógio encarregar-se-á de traduzir numa linguagem de fácil assimilação aos meros mortais, transformando o hermético tempo numa análoga marcação digital, é exclusivamente seu. Hirto, também está você decidindo, matando e criando. O silêncio também faz parte da música. A opção pela desistência permanente ou sono eterno é o mesmo que inércia permanente, o que não o isenta.

Que infinitudes de universos você criará? Que outras imensidões da mesma envergadura serão postas em órbita? O tique-taque impiedoso do relógio e o saporífero balanço do pêndulo do velho cuco exigem uma resposta sua.

Marcelo Garbine